



**P**  
**ARA APRENDER  
COM A TERRA**  
MEMÓRIAS E NOTÍCIAS  
DE GEOCIÊNCIAS  
NO ESPAÇO LUSÓFONO

Henriques, M. H., Andrade, A. I.,  
Quinta-Ferreira, M., Lopes, F. C.,  
Barata, M. T., Pena dos Reis, R.  
& Machado, A.

Coordenação

O ENSINO DE GEOGRAFIA  
E A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS  
DO ESPAÇO GEOGRÁFICO DE INDEPENDÊNCIA  
(CEARÁ, BRASIL)

THE TEACHING OF GEOGRAPHY  
AND THE CONSTRUCTION OF KNOWLEDGE  
OF THE GEOGRAPHICAL SPACE OF INDEPENDENCE  
(CEARÁ, BRASIL)

R. C. Gomes<sup>1</sup>, I. Pedroza<sup>2</sup> & M. C. Sales<sup>3</sup>

**Resumo** – Este trabalho visa apresentar uma proposta de ação educativa em Geografia que foi realizada na primeira etapa do curso intitulado “Compreensão do espaço geográfico e seus recursos voltados para a Arqueologia”, destinado a 20 (vinte) cursistas, provenientes do ensino fundamental e médio de escolas públicas do município de Independência – Ceará, Brasil. O curso está sendo desenvolvido utilizando uma abordagem transdisciplinar sobre as relações do Homem com o espaço geográfico, tendo um enfoque geoarqueológico. Desse modo, estão sendo tratados conceitos que visam aproximar a comunidade para a difusão e preservação do patrimônio natural e arqueológico do município, especialmente representado pelos registros rupestres.

**Palavras-chave** – Ensino de Geografia; Geoarqueologia; Preservação

**Abstract** – *This article aims to present a proposal for educational activities in Geography which was held in the first stage of the course entitled “Understanding the geographic space and its resources focused on Archaeology” to the 20 (twenty) course participants, of the secondary and high school from public schools of the Municipality of Independência – Ceará, Brazil. The course is being developed using an interdisciplinary approach on the relations between man and geographical space, with a geoarchaeological focus. Thus, concepts are being discussed with the aim to bring the*

---

<sup>1</sup> Licenciado em Geografia – Universidade Federal do Ceará – UFC, Brasil; raulcarneiro89@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Arqueologia – Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Brasil; igorpedroza@gmail.com

<sup>3</sup> Licenciada em Pedagogia e Matemática – Fundação Senhor Pires – FSP, Brasil; cacilda\_sales2@hotmail.com

*community together for the dissemination and preservation of natural and archaeological heritage of the municipality, especially represented by the record of rock art.*

142

*Keywords – Teaching Geography; Geoarchaeological; Conservation*

## 1 – Introdução

Este trabalho é resultado do subprojeto “Mapeamento arqueológico como instrumento de inclusão ambiental, social e cultural no semiárido”, do Projeto Mata Branca, promovido pela Fundação Senhor Pires, sediada no município de Independência – Ceará, Brasil.

Um dos objetivos desse subprojeto é a oferta de um curso denominado “Compreensão do espaço geográfico e seus recursos voltados para a Arqueologia” para 20 (vinte) estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino do município de Independência (CE). O curso contribuiu para a execução dos demais objetivos do subprojeto mencionado, pois dota os estudantes envolvidos de conhecimentos geoarqueológicos nos âmbitos global e local, promovendo uma melhor compreensão de seu meio e dos aspectos arqueológicos materializados no espaço geográfico independenciense e estimulando a participação discente como “Guardiões da arte na pedra”.

Nessa perspectiva, o ensino de Geografia tem muito a contribuir, uma vez que este campo do conhecimento estuda o espaço geográfico e, portanto, possui informações relevantes sobre os recursos naturais e a dinâmica sócio-histórica. A Arqueologia, como ciência que estuda as culturas pretéritas por meio de seus vestígios materiais, necessita diretamente de conhecimentos geográficos, uma vez que as sociedades “primitivas” construíam espaços geográficos mediante sua cultura e técnica.

Vale acrescentar que a construção de conhecimentos relacionados ao espaço geográfico repercute na mudança da visão de mundo dos estudantes participantes, pois eles passam a vislumbrar os aspectos biofísicos e culturais (arqueológicos) do espaço geográfico independenciense de uma forma distinta da qual viam anteriormente. Isso acontece, porque os alunos tendem a valorizar mais esses espaços e atribuir novos valores simbólicos aos seus legados materiais e imateriais, sejam estes naturais, sejam artificiais, o que torna suas ações mais conscientes e inteligíveis, portanto menos alienadas, além de fortalecer suas identidades e o sentimento de pertencimento ao local em que vivem.

Logo, o objetivo deste trabalho é discutir práticas de ensino de Geografia, notadamente de minerais, rochas, intemperismo e erosão, que foram realizadas durante a primeira etapa do curso intitulado “Compreensão do espaço geográfico e seus recursos voltados para a Arqueologia”, contribuindo para a construção de conhecimentos sobre o espaço geográfico independenciense, notadamente de seus aspectos geoarqueológicos.

## 2 – O Ensino de Geografia: o espaço geográfico e seus recursos geoarqueológicos

Toda ciência possui um objeto de estudo e seus métodos próprios de análise. A Geografia não foge a essa regra. SANTOS (1997) traz ao rol de discussões sua visão sobre o objeto de estudo da Geografia. Nessa perspectiva, afirma que o geógrafo estuda tanto os objetos fixos como os fluxos, ou seja, tudo aquilo que existe na superfície terrestre, seja de origem

natural, seja de origem social. Todavia, no âmbito geográfico, esses objetos são apreendidos como sistemas, e não como partes isoladas, pois o espaço é formado por um conjunto indivisível, solidário e antagônico de sistemas de objetos e ações. Dessa forma, em decorrência de tal fato, é que a Geografia tem como objeto de estudo o espaço geográfico.

Para fins deste trabalho, o espaço geográfico é entendido como “um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos, não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários, ou seja, o espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos naturais e artificiais” (SANTOS, 1988, p. 25).

A compreensão do espaço em questão requer o entendimento de seus aspectos formadores e de sua dinâmica ao longo do tempo, por isso a compreensão dos aspectos e processos geoarqueológicos (minerais, rochas, clima, relevo, fauna, flora, solos, intemperismo, erosão, cultura, líticos, pinturas rupestres, organização social de agrupamentos humanos e outros) são relevantes na apreensão do espaço geográfico, nesse caso específico, o do município de Independência (CE). Nessa perspectiva, o ensino de Geografia emerge como um meio que possibilita a construção de conhecimentos do espaço geográfico e de seus recursos geoarqueológicos.

Afinal, o ensino de Geografia é responsável pela construção de diversos conteúdos relacionados aos aspectos biofísicos e sociais que se materializam e dinamizam no espaço. Para tanto, CAVALCANTI (2002), ao tratar do objetivo do ensino de Geografia, diz que este consiste em desenvolver nos cidadãos uma consciência da espacialidade das coisas e dos fenômenos que eles vivenciam, direta ou indiretamente, sendo parte da história social, ou seja, o objetivo desse ensino é o espaço geográfico, entendido como um espaço social, concreto e dinâmico.

Assim, é necessário entender que o ensino de Geografia é primordial para a construção da cidadania dos discentes, para fortalecer suas identidades e sentimentos de pertencimento ao espaço em que vivem. Os conhecimentos geográficos oferecem subsídios fundamentais para que seus aprendizes sejam capazes de vislumbrar e atuar em sua realidade de forma crítica e transformadora, em prol de seu desenvolvimento, pois se ensina Geografia para que os discentes possam construir e promover o desenvolvimento de conhecimentos do espaço e do tempo, fazer uma leitura lógica do mundo e dos intercâmbios que o sustentam, de forma a apropriarem-se de conhecimentos específicos e usá-los como técnicas para seu desenvolvimento pessoal e de suas relações com os outros (ANTUNES, 2010). Além disso, a aprendizagem de novos conhecimentos pelo discente repercute em sua transformação, na forma de vislumbrar sua realidade e de se portar diante das situações cotidianas.

Diante do exposto, o subprojeto “Mapeamento arqueológico como instrumento de inclusão ambiental, social e cultural no semiárido”, do Projeto Mata Branca, desponta como importante fomentador de estudos e mapeamentos do potencial arqueológico do município de Independência (CE). A realização desses anseios visa à proteção dos sítios arqueológicos e/ou históricos, ao enriquecimento cultural da história do município e ao início sutil da estruturação da cidade para o desenvolvimento de projetos que viabilizem o turismo ecológico e científico. Assim, para a concretização de tais objetivos surge a necessidade de promover um curso de geoarqueologia para 20 (vinte) jovens estudantes do ensino fundamental e médio de instituições públicas do município em questão, com faixa etária entre 14 (catorze) e 17 (dezessete) anos e de ambos os sexos, para acompanharem

parte das pesquisas e serem futuros “guardiões da arte na pedra” de todo o patrimônio geoarqueológico independenciense. Então, a partir do treinamento e da realização dos outros objetivos, os guardiões teriam a missão de socializar para a comunidade local, Região dos Inhamuns e Sertões de Crateús, a importância dos sítios arqueológicos no contexto ambiental, social e cultural no semiárido do Brasil (FUNDAÇÃO SENHOR PIRES, 2010).

Dessa maneira, o ensino de Geografia desponta na realização do curso “Compreensão do espaço geográfico e seus recursos voltados para a Arqueologia”, que tem como foco a construção de conhecimentos relacionados ao espaço geográfico e seus recursos geoarqueológicos, pois sabe-se que nenhuma sociedade existiu sem se interrelacionar com o ambiente ou construir espaços geográficos. As ocupações “primitivas” do município de Independência (CE) estão em consonância com essa racionalidade, pois deixaram seus vestígios materiais: tecnológicos e culturais. Logo, o entendimento arqueológico do contexto discutido requer a compreensão do espaço geográfico independenciense e seus recursos, todavia sempre realizando colocações de que o espaço geográfico é dinâmico em função da sociedade e dos recursos tecnológicos e culturais que o criaram.

### 3 – Procedimentos técnico-metodológicos

Inicialmente, para a realização das práticas foi realizado um trabalho de pesquisa sobre as temáticas a serem apresentadas. Para isso, foram consultadas as obras que vêm sendo citadas ao longo deste trabalho, além de outros títulos relacionados ao assunto. A partir desse levantamento, foi confeccionado o material didático-pedagógico, que incluiu: apresentações em *powerpoint*, *slides* multicolores com imagens relacionadas às temáticas, videodocumentários e amostras de minerais e rochas, além da confecção de material impresso com 10 (dez) páginas.

O segundo procedimento abrangeu a apresentação do ministrante e dos cursistas. No primeiro encontro, aconteceram diálogos de motivação dos envolvidos, tendo o intuito de ressaltar a importância dos conteúdos do curso para o desenvolvimento moral e cognitivo dos discentes. Além disso, foi destacada a relevância do tema para a (re)significação simbólica e (re)valorização do espaço geográfico em que os discentes vivem. Convém mencionar que isso também contribuiu para o fortalecimento das identidades e sentimentos de pertencimento que os aprendizes tinham pelo município de Independência (CE). Para a concretização desses procedimentos, foram utilizadas algumas recomendações técnico-procedimentais didáticas propostas por ANTUNES (2010), CAVALCANTI (2002) e LIBÂNEO (1994).

Após realizadas as ações mencionadas, ficou compreendido que os conteúdos deveriam ser trabalhados em uma carga horária de 60 (sessenta) horas/aula, ao contrário das 20 (vinte) horas/aula inicialmente propostas pelo projeto. Tal mudança deveu-se à conclusão de que executar o curso sem sanar alguns *déficits* de conhecimentos dos cursistas poderia acarretar o fracasso da atividade. Além disso, a quantidade de conteúdos conceitual-factuais exigiu que a abordagem pedagógica fosse efetivada da forma mais participativa e didática possível, o que exigiu uma carga horária maior. Por isso, o curso foi subdividido em três etapas de carga horária de 20 (vinte) horas cada, totalizando 60 (sessenta) horas. No que se refere às orientações didático-pedagógicas utilizadas para a ministração do curso, foram usadas as propostas, com

algumas adaptações, das seguintes obras: ANTUNES (2010), BZUNECK (2010), FREIRE (1996) e LIBÂNEO (1994).

Os conteúdos do curso foram relacionados, prioritariamente, à Geoarqueologia. Para isso, foram usadas para a fundamentação teórica as informações de RUBIN & SILVA (2008) e GASPAR (2006). Nessa dimensão, entende-se que parte dos resquícios culturais materializados no espaço geográfico são produtos de interrelações entre sociedade “primitiva” e ambiente. Assim, a compreensão de ambos deve ser integrada, visto que um repercute ou modifica o outro. Vale destacar que a sociedade “primitiva” era notadamente influenciada e, algumas vezes, determinada pelo ambiente em função de sua cultura e seus recursos tecnológicos. Portanto, a abordagem do curso foi transdisciplinar, pois foram trabalhados conteúdos geológicos, climatológicos, fitológicos, geomorfológicos, pedológicos, geográficos, arqueológicos, entre outros.

O curso foi ministrado com aulas expositivas e práticas. Para tanto, foram utilizados: quadro negro, aparelho multimídia (videodocumentários, videoaulas e apresentações com *powerpoint*), recursos didáticos (amostras de minerais, rochas, solos e outros), apostila e aulas práticas na cidade de Independência (CE). “Com a utilização de recursos didático-pedagógicos, pensa-se em preencher as lacunas que o ensino tradicional geralmente deixa, e com isso, além de expor o conteúdo de uma forma diferenciada, fazer dos alunos participantes do processo de aprendizagem” (CASTOLDI & POLINARSKI, 2009, p. 685).

Além disso, está previsto que o curso terá 10 (dez) horas/aula, do total de 60 (sessenta) horas/aula, destinadas às atividades complementares, que consistem em exibição de DVDs com filmes e documentários e CDs com videoaulas e programas educativos de computador para serem explorados pelos cursistas em casa ou em sua escola, visando contribuir com a difusão de mais informações e com o desenvolvimento dos discentes envolvidos na pesquisa para solucionar suas dúvidas sem, necessariamente, precisar do professor.

Esses foram os principais procedimentos para a realização das práticas de ensino de Geografia durante a primeira etapa do curso, que compreendeu uma breve discussão conceitual de objetos de estudos da Arqueologia e da Geografia, para posteriormente abordar o que são minerais, rochas, intemperismo e erosão de forma correlacionada com a Arqueologia e com o contexto local.

#### 4 – O desenvolvimento do curso “Compreensão do espaço e seus recursos voltados para a arqueologia”

A primeira atividade do curso consistiu na apresentação dos participantes (alunos e ministrante). Em seguida, foi discutida a temática a ser trabalhada. A partir de então, foi destacada a relevância dos conhecimentos que os cursistas iriam adquirir ao longo do curso para suas vidas, especialmente no âmbito intelectual e profissional. Tal iniciativa teve a finalidade de introduzir os conteúdos que viriam *a posteriori* e motivar os discentes participantes. Afinal, uma atividade ou conteúdo visto como sem importância para o aprendiz não desperta motivações para ser executado ou aprendido, e sim provoca tédio ou indiferença do discente (BZUNECK, 2010).

Posteriormente, foram definidos e discutidos os objetos de estudo da Geografia e da Arqueologia, bem como foi detalhado o conceito de espaço geográfico e seus recursos, principalmente os arqueológicos. Para dar ênfase ao que foi trabalhado, foram exibidos

dois documentários. O primeiro, produzido pelo *History Channel* e intitulado “Como nasceu o nosso planeta”, o qual mostrou como surgiram os recursos naturais: minerais, rochas, água, relevos e outros; o segundo, de autoria da Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM), é um documentário sobre o Parque Nacional da Serra da Capivara (PI) e aborda seus recursos biofísicos e arqueológicos, tendo algumas semelhanças geoambientais com a realidade independenciense.

Os vídeos contribuíram para expor situações concretas e dinâmicas acerca do conteúdo que havia sido previamente discutido, ainda de forma genérica, e ajudaram a diminuir a falta de alguns conhecimentos dos cursistas. Este recurso foi utilizado para maximizar os conhecimentos dos discentes e também porque, segundo BARBOSA (2008), ele tem a vantagem de retratar uma realidade de forma lúdica e em movimento, logo despertando a atenção dos estudantes e tornando a aula menos entediante.

Depois das exibições dos vídeos, o passo seguinte foi a realização de uma breve discussão sobre o que os alunos haviam compreendido dos documentários. Esse procedimento é uma recomendação proposta por BARBOSA (2008) e, no contexto em questão, auxiliou alguns discentes a perceber como os assuntos vistos podem ser entendidos de diferentes formas. Ademais, isso também ajuda a enaltecer detalhes que para alguns alunos são tidos como sem importância. Esse tipo de atividade contribui para uma maior eficiência na captação e seleção de informações recebidas, visto que, após as discussões de cunho explicativo, os alunos perceberam que alguns detalhes eram cruciais para que pudessem entender algumas sutilezas de suas vidas.

Com isso, os cursistas mostraram desconhecer e diferenciar alguns conceitos de minerais, rochas e outros. Em virtude disso, iniciou-se a primeira temática do curso – os minerais: o que são, quais suas características e a função para os “Homens primitivos”. Vale destacar que todos os conteúdos trabalhados eram direta ou indiretamente relacionados à Arqueologia e ao contexto local dos estudantes. Por isso, durante as atividades pedagógicas, aconteceram exposições e manuseio de diversos tipos de minerais. Dentre eles, os que eram utilizados para confecção de instrumentos líticos ou como matéria-prima para tintura das pinturas rupestres (quartzo, jaspes, hematita e outros). O detalhamento teórico acerca das características morfológicas dos minerais deu grande fundamentação para o entendimento de por que alguns minerais eram mais utilizados pelos homens “primitivos” para confecção de instrumentos líticos e pinturas nas rochas, por exemplo.

A partir disso, começaram as aulas práticas de mineralogia com a observação de rochas de calçamento das ruas adjacentes da Fundação Senhor Pires e da Praça Matriz da cidade de Independência (CE) e foram identificadas algumas formas de lascamento de minerais e rochas utilizadas por alguns agrupamentos “primitivos” presentes no contexto nordestino. Essa técnica de ensino foi importante para “quebrar” a monotonia das aulas tradicionais que os alunos estavam habituados a vivenciar. Para além disso, o manuseio e a visualização desses materiais de forma concreta e inserida em seu contexto de vida mostraram ser importantes recursos didáticos para tornar as atividades do curso menos maçantes e mais significativas, vindo, portanto, a contribuir para o fomento da aprendizagem dos discentes envolvidos.

O segundo tema abordado tratava das rochas: o que são, tipos e função para o “Homem primitivo”. Para a explicação desse conteúdo foram postas várias amostras petrográficas (ígneas, metamórficas e sedimentares) sobre uma mesa e, posteriormente, foi exibida uma apresentação de *powerpoint* (*slides*) que tratava de definições, curtos textos informativos e

de curiosidades e fotos acerca da temática em discussão. Durante a explicação conceitual, os cursistas compreenderam como surgem as rochas e seu ciclo dinâmico na natureza, em seguida aprenderam alguns dos diversos tipos de rochas que compõem a litosfera – as crostas continental e oceânica. Convém citar que todas as informações presentes nas apresentações *powerpoint* estavam inseridas no material didático impresso (apostila) distribuído para os alunos.

Uma vez explicados os aspectos conceituais e funcionais das rochas para a sociedade atual e para as comunidades pretéritas, os discentes tiveram contato com amostras de rochas e, depois, assistiram a uma videoaula sobre rochas, para potencializar e dinamizar seu aprendizado. Em seguida, os cursistas viram e manusearam algumas amostras e fotos de rochas presentes em Independência (CE), em especial as presentes nos sítios rupestres, isto é, onde há pinturas. Com isso, entenderam os litotipos predominantes no município em questão e compreenderam por que, por exemplo, a área não possui cavernas, e sim grandes maciços cristalinos ou matacões, que foram pintados por antigos homens que habitavam a região, aparentemente antes mesmo da colonização portuguesa na área. Além disso, conheceram, por meio de fotos, alguns produtos esculpidos em rochas por “homens primitivos”, como “pilão”, “macerador de alimentos”, “cortadores”, “machadinhas” e outros.

A terceira temática do curso foi o intemperismo, um processo de suma relevância para compreender a formação de sedimentos e destruição das rochas. O intemperismo, conforme SUGUIO (2003), é o processo que causa a fragmentação e/ou decomposição das rochas em parcelas menores. Este processo pode se dar de três formas distintas, em razão de seus agentes, podendo ser: físico, químico ou biológico. No âmbito do curso, tais distinções foram explicadas com auxílio de fotografias que mostravam as feições morfológicas causadas por esses tipos distintos de intemperismo, ou seja, as fotos mostravam a ação mecânica das raízes das árvores sobre as diaclases das rochas, vindo a fragmentá-las. Foram mostradas ilustrações de rochas carsticas com feições morfológicas “dissolvidas” pela ação química da água e também a fragmentação das rochas efetuadas por suas dilatações térmicas causadas pelo aquecimento diurno e esfriamento noturno.

Tais processos são de crucial importância, pois são por meio deles, especificamente do intemperismo físico e químico, que surgem os campos de matacões, onde há pinturas rupestres. Vale acrescentar que os referidos processos também contribuem para a destruição do patrimônio arqueológico, em especial das pinturas rupestres, que, muitas vezes, são residuais de um contexto maior apagado ao longo do tempo (GASPAR, 2006). Então, esses processos também são relevantes por contribuir para fragmentar ou decompor minerais e rochas usados pelo “Homem primitivo” para confecção de seus instrumentos tecnológicos.

Devido à dificuldade em achar material de apoio didático para este tema, foram utilizados desenhos feitos pelo ministrante no quadro-negro, e foi possível mostrar algumas expressões desse processo materializadas em amostras de rochas vislumbradas e manuseadas pelos discentes. Todos esses artifícios auxiliaram na construção de conhecimentos elementares nos cursistas, para o entendimento da dinâmica natural ocorrente em seu meio ou espaço geográfico. Essa constatação foi percebida quando os alunos foram questionados sobre a ocorrência desse processo em algum lugar de sua vivência. Nesse momento, eles souberam responder com propriedade e citaram exemplos relacionados às suas vivências. Vale destacar que a prática de questionamentos e a solicitação para que os alunos aplicassem o que acabavam de aprender à sua realidade foi algo feito desde o princípio do curso, com objetivo de tornar o discente ativo na sua

aprendizagem e também facilitar o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa, ou seja, que tenha sentido e aplicabilidade em sua realidade concreta.

Uma vez compreendido o processo intempérico, o último assunto se relacionou ao processo erosivo – processo natural muito importante na modelação do relevo e na manutenção do balanço de sedimentos nos ecossistemas. Ele foi lecionado sob o ponto de vista pedológico. Por isso, é definido como o processo de desprendimento e transporte do material particulado do solo por meio da ação da água ou do vento, sendo a principal causa da degradação dos solos e de prejuízos sociais e ambientais (AMORIM *et al.*, 2001). No cenário independenciense, segundo GOMES & OLIVEIRA (2011), a erosão apresenta-se de diversas formas e ocorre, sobretudo, devido à superexploração dos recursos naturais e às alterações do espaço geográfico pelas atividades sociais de variadas intencionalidades e funcionalidades.

Em decorrência desse panorama, a temática foi ensinada a partir da apresentação de *slides* e da utilização de fotografias do âmbito local. Tal processo foi associado à questão arqueológica no que tange à alteração, mobilização e soterramento dos vestígios arqueológicos presentes nos mais diversos espaços geográficos mundiais e local. A temática não foi de difícil compreensão, pois os cursistas já conheciam alguns de seus efeitos devido às suas vivências. Para finalizar, foi mostrado o trabalho de GOMES & OLIVEIRA (2011), que apresenta e discute a erosão na escala municipal de Independência (CE). Assim, foram levantadas dúvidas e questionamentos quanto ao impacto da erosão causada pelo mau uso e ocupação dos solos sobre o patrimônio cultural do município em questão, sendo respondido que a erosão, além de poder destruí-los, pode comprometer o funcionamento dos agrossistemas da área em discussão acarretando o aumento da pobreza e outros infortúnios no município.

## 5 – Conclusões

Com a realização da primeira etapa do curso, percebeu-se que o uso de recursos didáticos é essencial para a construção de conhecimentos geoarqueológicos nos discentes. Além do mais, tais conhecimentos e recursos possibilitam uma melhor compreensão do espaço geográfico dos cursistas. Tal constatação foi percebida por meio de diálogos, questionamentos e explicações dos participantes do curso, que mostraram que o conteúdo tinha sido aprendido de forma significativa e, em alguns casos, muito exitosa.

Dessa forma, a ação faz-se relevante, pois possibilita a difusão e a construção de conhecimentos relacionados aos aspectos formadores do espaço geográfico independenciense, bem como sua utilização por grupos sociais pretéritos e atuais. Além disso, serviu como subsídio para a formação de cidadãos críticos e envolvidos no estudo do meio, potencializando o valor do espaço geográfico, dos recursos naturais e culturais (o patrimônio arqueológico) presentes no município de Independência (CE).

## Referências Bibliográficas

- AMORIM, R. S. S., SILVA, D. da, PRUSKI, F. F. & MATOS, A. T. de (2001) – Influência da declividade do solo e da energia cinética de chuvas simuladas no processo de erosão entre sulcos. *Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental*. Campina Grande-PB, 5, p.124-130.

- ANTUNES, C. (2010) – *Geografia e didática*. Petrópolis-RJ: Vozes.
- BARBOSA, J. L. (2008) – Geografia e cinema: em busca de aproximações e do inesperado. In: Carlos, A. F. A. (eds.). *A Geografia na sala de aula*. São Paulo-SP: Contexto, p. 109-125.
- BZUNECK, J. A. (2010) – Como motivar os alunos: sugestões práticas. In: Boruchvitch, E., Bzuneck, J. A. & Guimarães, S. E. R. (Orgs.). *Motivação para aprender*. Petrópolis-RJ: Vozes.
- CASTOLDI, R. & POLINARSKI, C. A. (2009) – A Utilização de Recursos Didático-Pedagógicos na Motivação da Aprendizagem. In: I Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia, 2009, Ponta Grossa. Livro de actas.
- CAVALCANTI, L. de S. (2002) – Geografia e práticas de ensino. Goiânia- GO: Alternativa.
- FREIRE, P. (1996) – *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- FUNDAÇÃO SENHOR PIRES-FSP (2010) – Mapeamento arqueológico como instrumento de inclusão ambiental, social e cultural no semiárido. Independência-CE: Fundação Senhor Pires.
- GASPAR, M. (2006) – *A arte rupestre no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- GOMES, R. C. & OLIVEIRA, V. P. V. (2011) – A Erosão Hídrica nos Solos do Município de Independência – CE. In: Seabra, G. & Mendonça, I. (Org.). *Educação ambiental: Responsabilidade para a Conservação da Sociobiodiversidade*. 1 ed. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 3, p. 970-978.
- LIBÂNEO, J. C. (1994) – *Didática*. São Paulo: Cortez.
- RUBIN, J. C. R. de & SILVA, R. T. da (org.) (2008) – *Geoarqueologia: teoria e prática*. Goiânia- GO. UCG (eds.).
- SANTOS, M. (1988) – *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológicos da Geografia*. São Paulo: Hucitec.
- SANTOS, M. (1997) – *A natureza do espaço: técnica e tempo/razão e emoção*. São Paulo, Hucitec.
- SUGUIO, K. (2003) – *Geologia Sedimentar*. São Paulo: Edgard Blücher, 1.